

Filosofia no Ensino Médio: Análise de uma Experiência

Área Temática de Educação

Resumo

Introdução: Este texto diz respeito ao Projeto de Extensão "Curso de Introdução à Filosofia em Cordisburgo", realizado em escola estadual, e que atingiu 200 alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Participaram do projeto, além da coordenadora, oito alunos de licenciatura, ligados à disciplina "Laboratório de Ensino de Filosofia". Um dos objetivos do projeto foi aplicar o trabalho de pesquisa desenvolvido no Laboratório a uma atividade e ensino. Objetivo: No presente texto pretendemos avaliar alguns resultados desta experiência de inclusão da Filosofia na grade curricular da escola. Metodologia: A avaliação toma por base alguns textos de alunos do ensino médio, remetendo-se, sempre que necessário, ao contexto mais amplo da discussão oral em sala de aula. Resultados e conclusões: A experiência mostrou que o ensino de Filosofia pode constituir-se como espaço de reflexão e de expressão de um pensamento autônomo e crítico.

Autoras

Telma de Souza Birchal- Doutora

Daniela Silva Madureira - Licenciada em Filosofia

Flávia Fonseca de Oliveira - Licenciada em Filosofia

Emília Agnes Assis de Lima - Aluna do curso de Filosofia

Evânia França Soares - Aluna do curso de Filosofia

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Palavras-chave: Filosofia; educação; ensino médio

Introdução e objetivo

Este texto diz respeito a um projeto de extensão realizado no ano de 2003, em sistema de parceria entre o Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais e a Escola Estadual Cláudio Pinheiro de Lima, localizada no município de Cordisburgo – Minas Gerais. Participaram do projeto, além da coordenadora, oito alunos de licenciatura, que atuaram como professores em cinco turmas do primeiro ano do ensino médio, no turno noturno.

O Projeto de Extensão “Introdução à Filosofia em Cordisburgo” surgiu do interesse de alunos do curso de Licenciatura em Filosofia em aplicar os conhecimentos resultantes das atividades de pesquisa desenvolvidas na disciplina “Laboratório de Ensino”, assim como de uma demanda da Escola referida acima. No Laboratório de Ensino estavam sendo elaboradas: 1- uma avaliação do material didático disponível para o ensino de filosofia, e 2- propostas de programas de ensino para a disciplina. Um dos objetivos do projeto foi desenvolver um programa de ensino de filosofia adequado à realidade e aos recursos de uma escola pública, assim como ao perfil dos estudantes que aí se encontram. O Departamento de Filosofia foi procurado pela Escola que expressou, por um lado, a preocupação com a evasão escolar, com o desinteresse dos alunos em relação à educação formal e com o distanciamento destes dos valores humanos e dos princípios da formação crítica; por outro, a expectativa de que a presença da filosofia na grade curricular pudesse minorar estes problemas. O

desenvolvimento do projeto junto às turmas do primeiro ano justifica-se uma vez que nelas se detecta uma maior evasão. Além dos problemas identificados pela escola, uma dificuldade se fez visível para nós, professores participantes do projeto, logo nos primeiros contatos com os alunos: uma grande deficiência dos mesmos em relação à leitura e escrita e, conseqüentemente, à interpretação de textos. Do ponto de vista dos alunos de licenciatura, o desafio era bastante interessante, pois significava a oportunidade de uma prática de ensino livre das injunções de um estágio: o conteúdo e a metodologia do curso seriam propostos pelo grupo, que teria plena autonomia de trabalho.

No presente trabalho, pretendemos avaliar se a inclusão da filosofia na grade curricular da escola constituiu-se como espaço de reflexão e contribuiu para a formação de um pensamento autônomo e crítico. Isto será feito tomando por base alguns textos escritos pelos alunos e remetendo-se, sempre que necessário, ao contexto mais amplo da discussão oral em sala de aula.

Metodologia

A proposta metodológica do curso desenvolvido em Cordisburgo fundamenta-se em dois princípios, que acreditamos dever guiar um curso de filosofia para o nível médio: 1 – garantir a especificidade da disciplina, no sentido de que um curso de Filosofia deve refletir um campo de conhecimento culturalmente reconhecido, evitando sua descaracterização e esvaziamento; e 2 – possibilitar que o aluno problematize sua própria experiência, desenvolvendo-se uma atitude reflexiva e crítica. Logo, deve-se estabelecer uma relação entre as vivências do aluno e as questões que lhe são apresentadas através dos temas e textos clássicos da filosofia. Assim, as aulas foram ministradas com vistas a estabelecer um diálogo entre o aluno e o texto filosófico, evitando qualquer unilateralidade, seja ela a mera apreensão do conteúdo sem conexão com a realidade imediata, seja ela a simples exposição das experiências, de forma não crítica.

A presente avaliação dos resultados desta metodologia é necessariamente parcial. Em primeiro lugar, não é objetivo deste texto fazer uma análise geral do conteúdo ministrado durante o ano, uma vez que o curto espaço de um artigo não comportaria tal estudo. Em seu todo, o curso constituiu-se de quatro grandes eixos: “O que é filosofia”; “Introdução à lógica”; “O que é o ser humano” e “Ética e política”, subdivididos em vários assuntos. Os trabalhos analisados versam sobre dois entre os assuntos trabalhados: Natureza e Cultura (que se inscreve no grande tema “O que é o ser humano”, e parte do confronto Hobbes/Rousseau) e Felicidade - Ação (que se inscreve no grande tema “Ética e política”). Em segundo lugar, em relação textos de alunos a serem analisados, eles provêm de quatro indivíduos, todos participantes de uma mesma sala de aula. Além disso, os registros apresentados nem sempre são analisados em sua integralidade, sendo destacados os trechos que consideramos mais significativos dentro dos propósitos já mencionados.

Optou-se, ao transcrever os textos dos alunos, por fazer algumas correções ortográficas e de concordância, uma vez que nosso objetivo é mostrar as idéias expressas nestes escritos e não, pelo menos neste momento, fazer uma discussão a respeito das dificuldades de escrita apresentadas. Quanto ao contexto oral da produção escrita, destacamos a importância de fazer referência a ele, já que não é possível considerar apenas o que foi escrito pelo aluno. A recuperação do diálogo ocorrido em sala de aula se faz presente através do olhar das professoras e, por isto, permeia o artigo.

Cabe, ainda, chamar a atenção do leitor para o fato de que a análise aqui presente não pretende esgotar o assunto e nem mesmo servir de diagnóstico final de um projeto específico, dada a parcialidade no tratamento tema. Pretende-se, antes, registrar a experiência e contribuir para um espaço de reflexão a respeito do tema “Filosofia no Ensino Médio”.

Resultados e discussão

De acordo com os objetivos citados na Introdução, neste registro buscamos discutir aspectos que constituem, de acordo com a idéia que orienta o projeto desenvolvido em Cordisburgo, a finalidade de um curso de filosofia: a articulação entre a experiência vivida e a reflexão a partir dos textos. Ora, esta finalidade está também expressa nos PCNs, segundo os quais o ensino desta disciplina deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aluno e de uma atitude crítica, além de favorecer a habilidade de argumentação, a interação do aluno com o texto filosófico, a apreensão de conteúdos e a formulação de conceitos. Para a análise de tais aspectos, começamos por recorrer à aula “Natureza e Cultura”, onde foram abordados textos de Hobbes e de Rousseau. O objetivo desta aula foi possibilitar um espaço de argumentação, debate e interação entre aluno/aluno, aluno/professor e, principalmente, aluno/texto filosófico. De início, foi apresentado o famoso trecho do Leviatã de Thomas Hobbes, no qual ele descreve a competição e agressividade do ser humano, e afirma ser esta a sua condição natural. Nesse momento os alunos tiveram um tempo para se posicionarem oralmente sobre o assunto, levando em conta suas próprias experiências. Em seguida foi apresentado um trecho do Ensaio sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, de J.-J. Rousseau no qual ele afirma, em oposição a Hobbes, que o homem em seu estado natural é bom. Nenhum dos dois textos é difícil de ser compreendido numa primeira leitura. Após discussão em que foi solicitado aos alunos posicionarem-se em relação a estes autores, pediu-se que eles registrassem o que foi discutido. Apresentamos aqui os resultados:

“Penso totalmente diferente do autor do texto (Hobbes). Acho que o homem em si não é mau, mas as coisas que o mundo lhe oferece é que lhe faz ser mau.

A bíblia diz que quando Deus fez Adão e Eva eles eram bons, mas quando conheceram as vaidades do mundo se tornaram maus e geraram uma nação má.

Por isso concordo com o que Rousseau disse, que o homem é naturalmente bom, o mundo é que muda a sua natureza. Nem todo homem é mau. Só os que cedem aos hábitos do mundo” (Aluna 1).

Nota-se de início, que a aluna se percebe como sujeito autônomo, capaz de formular uma reflexão e, a partir desta, fazer frente ao pensamento do autor. É interessante ressaltar o espanto, seguido de insatisfação, que a aluna viveu e manifestou oralmente, ao ter contato com a filosofia de Hobbes. Ela tomou como ponto de partida suas convicções religiosas e manifestou certa inquietação. Porém, ainda, sem respaldos teóricos que justificassem sua escolha em discordar de Hobbes. “Penso totalmente diferente do autor do texto”. No entanto, após a leitura do trecho de Rousseau, ela encontrou um apoio teórico que lhe permitiu refletir sobre sua vivência e expressá-la de forma organizada, defendendo seu ponto de vista: “Nem todo homem é mau. Só os que cedem aos hábitos do mundo”.

Há aqui uma interação entre o texto filosófico e a vivência cotidiana, é esse movimento interacionista que permite uma argumentação que dá razões, uma escolha justificada, que bebe tanto em Rousseau - “acho que o homem em si não é mau...” -, quanto em seus conhecimentos bíblicos: “A bíblia diz que quando Deus fez Adão e Eva eles eram bons...”, permitindo, então, uma certa tranquilidade: “por isso concordo com o que Rousseau disse”. Fica, porém, ainda, a questão: pode-se dizer que a aluna está inserida no pensamento filosófico?

Segundo Walter Omar Kohan, “alguém que aprende a pensar é alguém que tem experiências do pensar que o fazem pensar de forma radicalmente diferente; é alguém que pensa sua própria experiência dando espaço a formas de ser radicalmente diferentes” (FAVERO (org.), 2002, p.36).

A partir desta afirmação de Kohan, podemos supor que a aluna 1 não passou por esta experiência radical do pensar, uma vez que não questionou seu próprio pensamento. Ao contrário, buscou em Rousseau um aparato que reafirmasse sua posição.

Parece, a princípio, muito pertinente então, julgar a posição da aluna 1 como dogmática, a partir de suas manifestações orais e escritas. Porém, podemos também levantar a hipótese de que a aluna 1 ao menos em algum momento sentiu-se sim desestabilizada, em função da inquietação que mostrou pois, de qualquer maneira, ela refletiu sobre suas convicções e buscou fundamentá-las, o que já é um primeiro passo no caminho da atitude filosófica.

No entanto, apenas este passo não basta. Portanto, deparamos-nos, com uma séria questão, que se faz presente não só em nossa análise, mas em toda discussão atual sobre filosofia no ensino médio: estamos possibilitando uma reflexão filosófica? Se podemos afirmar, com as devidas restrições, que temos, por um lado, o texto autônomo (porque não aceita a posição de Hobbes) e ao mesmo tempo “dogmático” (porque recorre à convicções prévias) da aluna 1, encontraremos, por outro lado, no texto abaixo citado uma posição de questionamento que supomos indicar uma iniciação a um pensar mais radical. Este texto é parte de uma série de aulas de “Introdução à Ética”, nas quais foi abordado, entre outros, o assunto “Felicidade”.

Ao tratar este assunto, pretendeu-se apresentar aos alunos e discutir com eles algumas concepções filosóficas sobre a felicidade, assim como questionar as idéias correntes em nossa sociedade a este respeito. Partiu-se da seguinte frase de Pascal – “Todos os homens desejam ser felizes. Isso não tem exceção, por mais diferentes que sejam os meios empregados” – para mostrar a importância de uma investigação acerca do tema e, também, para problematizar a busca cega pela felicidade.

Nesta aula foi pedido, num primeiro momento, que os alunos expressassem o que seria para eles a felicidade. Num segundo momento, foram apresentadas algumas concepções filosóficas sobre esse assunto, como as de Aristóteles, Pascal e Kant, sempre com base em trechos escolhidos destes autores. Em relação a Aristóteles, discutiu-se o problema da felicidade como fim último; em relação a Pascal, abordou-se o tema da busca infinita da felicidade; no que diz respeito a Kant, tematizou-se a articulação entre felicidade e dever. Tornou-se possível, então, num terceiro momento, estabelecer uma relação entre as pré-noções dos alunos e os conceitos dos filósofos. Finalmente foram registradas as reflexões sobre o assunto:

“(…) Se perguntarmos para as pessoas o que é estar feliz, vão dizer que é sucesso, vitória, conquista, etc. Elas vão dizer coisas que as deixam felizes em particular, não falarão o que trará a felicidade para o todo. Mas o que será que trará felicidade para todo mundo? Será a beleza, o dinheiro, a fama, o poder, os carrões do ano como nos mostra a mídia? Ou serão as coisas simples que venham do coração como: a paz, a solidariedade, a amizade, a união, o amor? Bem esta pergunta fica para que cada um de nós passa refletir e pensar sobre o que realmente nos faz ser feliz” (aluna 2 - Grifo nosso).

A aluna 2 levanta duas possibilidades de ser feliz: tanto a de caráter material – carrões, dinheiro –, quanto a de caráter espiritual – amor, amizade –, e deixa a questão em aberto. Além disso, deixa clara a importância de cada um pensar sobre o assunto, em busca de uma definição própria. De fato, o objetivo da aula constitui-se em investigar os diferentes conceitos de felicidade, ampliando o horizonte dos alunos para além daquilo que é usualmente afirmado por nossa sociedade – a beleza, a fama, o poder, os carrões – e que a aluna recupera criticamente em seu texto.

A busca de um conceito de felicidade surge também no texto do aluno 3, no momento em que ele procura estabelecer a constância como essencial à sua definição:

“... a felicidade é um ato que depende de cada um, depende do espírito de vida, depende de uma atitude de si mesmo. Felicidade pode ser satisfazer todos os desejos, mas para ser feliz de verdade precisamos fazer essa felicidade constante”.

Quando o aluno 3 afirma que a felicidade verdadeira deve ser algo constante, ele está a caminho da construção de uma idéia de felicidade mais universal, para além daquilo que “depende de cada um”. A isto podemos denominar construir um conceito. O aluno não formulou um conceito de felicidade, mas apontou a direção da sua busca – a constância.

Resta-nos, ainda, abordar a questão da apreensão do conteúdo. Ora, não pretendemos de forma alguma que o aluno, ao se aproximar pela primeira vez de um texto ou tema filosófico, apreenda-o em toda a sua extensão e significado. Ao contrário, o que se pretende é uma primeira aproximação, uma apreensão parcial ou até mesmo mínima. Esta apreensão fornece os elementos para a discussão e o diálogo posteriores. A peculiaridade do pensar e do falar filosóficos passa por uma interiorização do conteúdo apreendido por parte do aluno, que se expressa de um modo próprio. A isto Kant chamou de “aprender a filosofar”: “Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”. A diversidade dos registros apresentados, inclusive em suas aparentes deficiências, e a diferença de grau entre reflexões mais simples e mais sofisticadas são sintomáticas do movimento do pensamento.

Analisados os aspectos que constituem, segundo os PCNs e este projeto de extensão, os objetivos para o ensino da filosofia, não podemos deixar de refletir também sobre a demanda da Escola. Esta consistia, como já nos referimos, em preocupações dentre as quais se destacavam o distanciamento dos valores humanos e a falta de uma perspectiva crítica por parte dos alunos. Em nosso acervo de registros, no entanto, observamos, ao contrário do que alega a escola, que quase todos os escritos estão perpassados pelos elementos considerados ausentes. Seleccionamos, aqui, dois textos que se referem aos temas “Natureza e Cultura” e “Introdução à Ética”:

“Porém, não adianta somente estar no meio de algo, é preciso o respeito com as outras pessoas e ultimamente, isto é o que menos está havendo entre as pessoas, não podemos prejudicar o outro para sermos felizes, temos que respeitar as diferenças, o outro e só assim, construiremos uma verdadeira e digna felicidade” (Aluna 2).

O texto acima pode parecer uma banalidade. No entanto, ele aponta para a afirmação, por parte dos alunos, de valores que a Escola considerou ausentes em seus alunos. Levantamos então a hipótese de que o que falta não é a inquietação sobre os valores, mas um espaço de discussão onde esta possa se expressar. Um outro texto, escrito durante as aulas sobre a liberdade, mostra que o espírito crítico se faz presente:

“No meu ponto de vista, na maioria das vezes temos o direito de escolha, afinal, perante as leis somos livres. Mas existem vezes que (ocultamente) somos obrigados a agir da forma que os outros querem, nosso País nos impôs leis que somos obrigados a seguir, do contrário, nosso destino será sermos separados da sociedade. Sei que muitos não concordam, mas atrás das cortinas existem pessoas que nos colocam dentro de suas mãos e nos jogam de um lado para o outro sem podermos dizer o que achamos e pensamos” (aluna 4).

Ora, não podemos pretender que esta consciência tenha sido criada a partir das poucas aulas de filosofia; o que pode ser afirmado, isto sim, é que foi num ambiente filosófico que ela pode ser expressa. Neste caso, a aula de filosofia constitui-se como um espaço de reflexão que possibilitou ao aluno expressar habilidades que ele já possuía.

Conclusões

Destacamos como aspecto positivo em nossa avaliação do Projeto o fato dos textos analisados terem apresentado as características consideradas como objetivos a serem atingidos por nossas aulas (desenvolvimento da autonomia do aluno, da habilidade de argumentação, interação do aluno com o texto filosófico, apreensão de conteúdo, busca de formulação de

conceitos e desenvolvimento de uma atitude crítica). É fato que estes elementos estão dispersos em textos diversos, ou seja, não nos foi possível obter, num único texto, a articulação mais evidente da maioria deles. Registramos aqui o pouco tempo de trabalho realizado (um ano letivo), e uma série de limitações outras, como a greve das escolas públicas que reduziu ainda mais nosso tempo de contato com os alunos. Contudo, o fato de alguns alunos terem incluído, em suas reflexões, um ou dois dos elementos acima, indica já uma introdução ao pensamento filosófico. Temos, ainda, limitações como a dificuldade dos alunos em transpor o pensamento expresso oralmente para o registro escrito. Foi-nos possível observar, repetidas vezes, que os textos dos alunos não refletiram o nível de profundidade alcançado nos debates. Daí mencionarmos, na Introdução, a necessária referência ao debate em sala de aula para a interpretação da produção escrita. Considerando a dificuldade de representação textual, nossa estratégia em sala de aula sempre incluiu a discussão oral sobre cada tema, não dispensando porém o registro escrito dele.

Apesar dos desafios apresentados, é possível pensar que, a partir do que se detectou no texto dos alunos, pode-se dizer que, embora de forma parcial, houve uma introdução ao pensar filosófico. Segundo Marilena Chauí, “alguém que tomasse uma decisão muito estranha e começasse a fazer perguntas inesperadas (...) Em vez de ‘que horas são?’ ou ‘que dia é hoje?’ perguntasse ‘o que é o tempo?’”, ele então estaria “tomando distância da vida cotidiana e de si mesmo, teria passado a indagar o que são as crenças e os sentimentos que alimentam silenciosamente a nossa existência.(...) Esse alguém estaria começando a adotar o que chamamos de atitude filosófica” (CHAUI, 2002, p.11). No caso dos alunos de Cordisburgo, a aluna 2, em vez de perguntar ‘como ser feliz’, perguntou “o que é felicidade?, o que será que trará a felicidade para todo o mundo?” e o aluno 3, por sua vez, o que “precisava para fazer essa felicidade constante”. Estas questões indicam um despertar da consciência filosófica.

Referências bibliográficas

- ARANHA, M. L. A e MARTINS, M.H. P. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna. 1993.
- BORNHEIM, G. *Introdução ao Filosofar*. São Paulo: Ed. Globo, 1989.
- BOSCH, Philippe van der. *A Filosofia e a Felicidade*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- CHAUI, Marilena. *Filosofia. Série Novo Ensino Médio*. São Paulo, Ática, 2002.
- CORDI e outros. *Para Filosofar*. São Paulo: Scipione, 1999.
- FÁVERO, RAUBER, KOHAN (org.). *Um olhar sobre o ensino de filosofia*. Ijuí, Editora Unijuí, 2002.
- REZENDE, Antônio (org.) - *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./SEAF, 1986
- ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo:Abril Cultural, 1973.
- WUENSCH, Ana Míriam e SÁTIRO, Angélica. *Pensando Melhor*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BIRCHAL, Telma. *Curso de Introdução à Filosofia em Cordisburgo. Projeto SIEX 1255*. 2003. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte.